

ANÁLISE SEMIÓTICA DE NARRATIVAS TRADICIONAIS DE MULHER SOFRIDA

CARVALHO, Márcia Ferreira de
PPGL-UFPB

1. Fundamentação Teórica

A teoria semiótica tem como objeto de estudo a significação, que compreende um percurso que vai, segundo Pais (2003), da mente do falante à mente do ouvinte, sendo constituída de três níveis de estudo analítico: nível fundamental ou profundo, nível narrativo ou intermediário e nível discursivo ou superficial. Em cada nível existe um componente sintático e um semântico.

O nível fundamental representa o primeiro momento do percurso gerativo, tratando de explicar a produção, o funcionamento e a interpretação do discurso.

O nível narrativo acontece em torno do desempenho de um Sujeito que realiza um percurso em busca do seu Objeto de valor, sendo instigado por um Destinator que é o idealizador da narrativa e ajudado por um Adjuvante, ou prejudicado por um Oponente

O nível discursivo é encarregado de retomar as estruturas semióticas de superfície e colocá-las em discurso. O sujeito enunciador organiza as categorias de sujeitos do discurso, os atores, o espaço, o tempo, os temas, bem como as figuras que os põem em discurso, para convencer o enunciatário daquilo que ele deseja afirmar.

2. Análise das versões *Iracema* (BA²) e *A sete de setembro* (BA⁵)

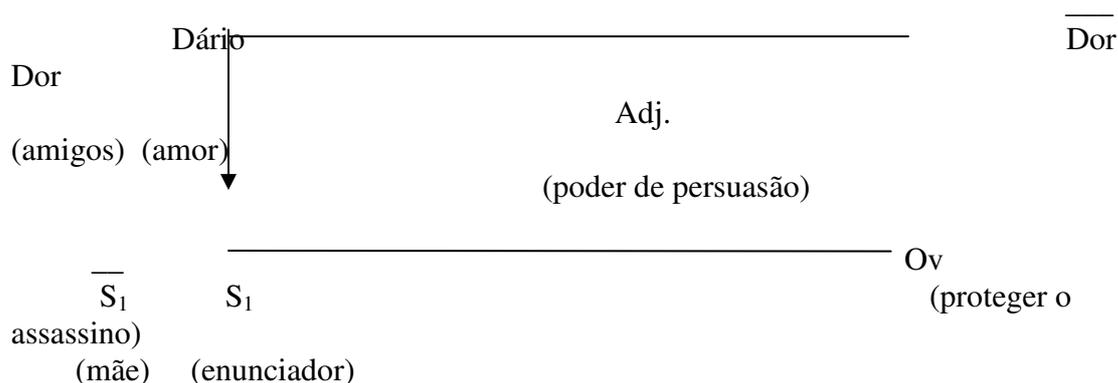
2.1. Preliminares

Consideramos essas duas versões complementares, por isso as estamos analisando simultaneamente, ressaltando as diferenças quando necessário. Parece que se tratam de versões brasileiras do romance ibérico, o que pode responder pela grande semelhança existente entre elas.

2.2. Nível narrativo

Essas versões apresentam uma narrativização curta com apenas quatro Sujeitos Semióticos:

O Sujeito Semiótico 1 (S₁), enunciador, tem por Objeto de valor proteger o assassino, destorcendo a realidade dos fatos, impulsionado pelos amigos da classe policial. O Anti-destinador é o amor que os parentes e amigos tinham por Iracema e não queriam que ela fosse vítima de tamanha violência. O Anti-sujeito é a mãe de Iracema que não apenas chorava, como padecia com uma forte dor no coração por causa do sentimento de injustiça causado pelo assassino da filha. O Adjuvante é o poder de persuasão. Eis o programa narrativo do Sujeito Semiótico S₁:

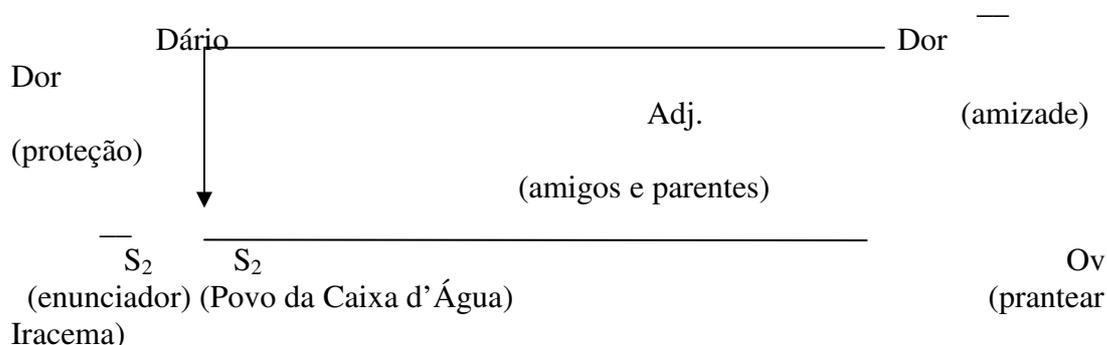


O S₁ conclui a narrativa conjunto com seu Objeto de valor da forma seguinte:

$$(S_1 \cup O) \rightarrow (S_1 \cap O)$$

que se lê: S₁ em disjunção com seu Objeto de valor passa a S₁ em conjunção com seu Objeto.

O Sujeito Semiótico 2 (S₂), povo da Caixa d' Água, tem por Objeto de valor prantear Iracema. O Destinador é a amizade que sente por ela. O Anti-destinador é a proteção realizada pelo enunciador. Este é o Anti-sujeito. Os Adjuvantes são os amigos e parentes de Iracema que lhe fazem uma homenagem, organizam o velório e ornamentam o caixão. Eis o programa narrativo do Sujeito Semiótico S₂:

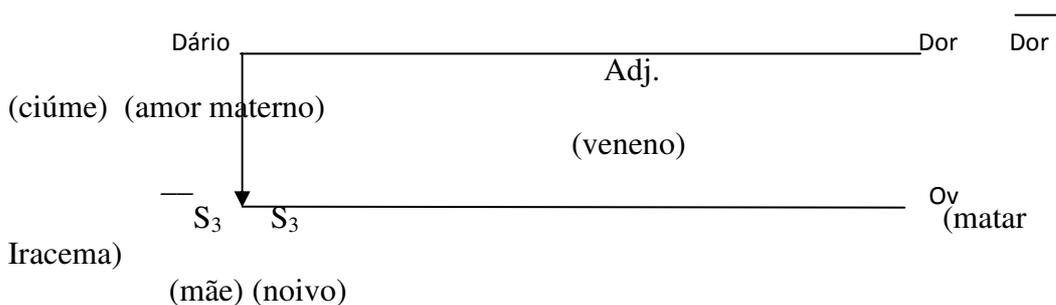


O S₂ conclui a narrativa conjunto com seu Objeto de valor da forma seguinte:

$$(S_2 \cup O) \rightarrow (S_2 \cap O)$$

que se lê: S₂ em disjunção com seu Objeto de valor passa a S₂ em conjunção com seu Objeto.

O Sujeito Semiótico 3 (S₃), noivo de Iracema, tem por Objeto de valor matá-la. O Destinador de S₃ é o ciúme que o faz agir dessa forma. O Anti-destinador é o amor materno. O Anti-sujeito é a mãe que tem grande amor pela filha. O Adjuvante é o veneno com que mata a amada. O programa narrativo do Sujeito Semiótico S₃ é configurado da seguinte forma:

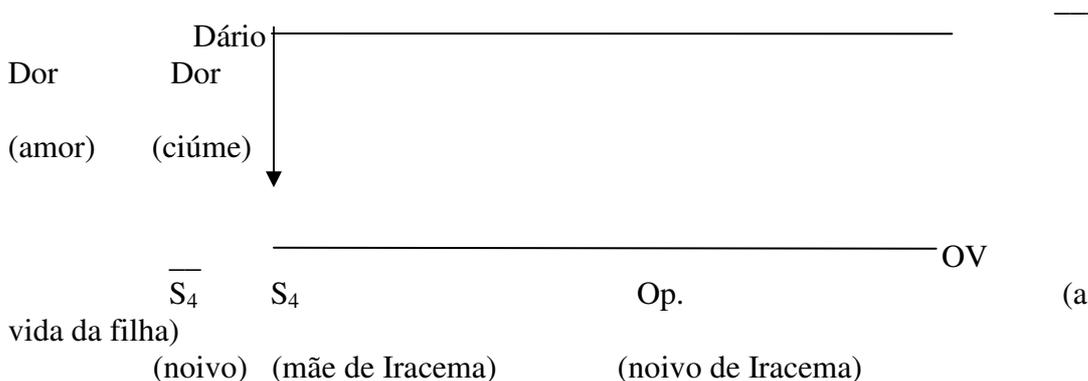


O S_3 conclui a narrativa conjunta com seu Objeto de valor:

$$(S_3 \cup O) \rightarrow (S_3 \cap O)$$

que se lê: S_3 em disjunção com seu Objeto de valor passa a S_3 em conjunção com seu Objeto.

O Sujeito Semiótico 4 (S_4), mãe de Iracema, tem por Objeto de valor a vida da filha. O Destinador dela é o amor de mãe. O Anti-destinador é o ciúme gerado no noivo. Esse rapaz é o Anti-sujeito e o Oponente que mata Iracema por envenenamento. Veja o programa narrativo de S_4 :



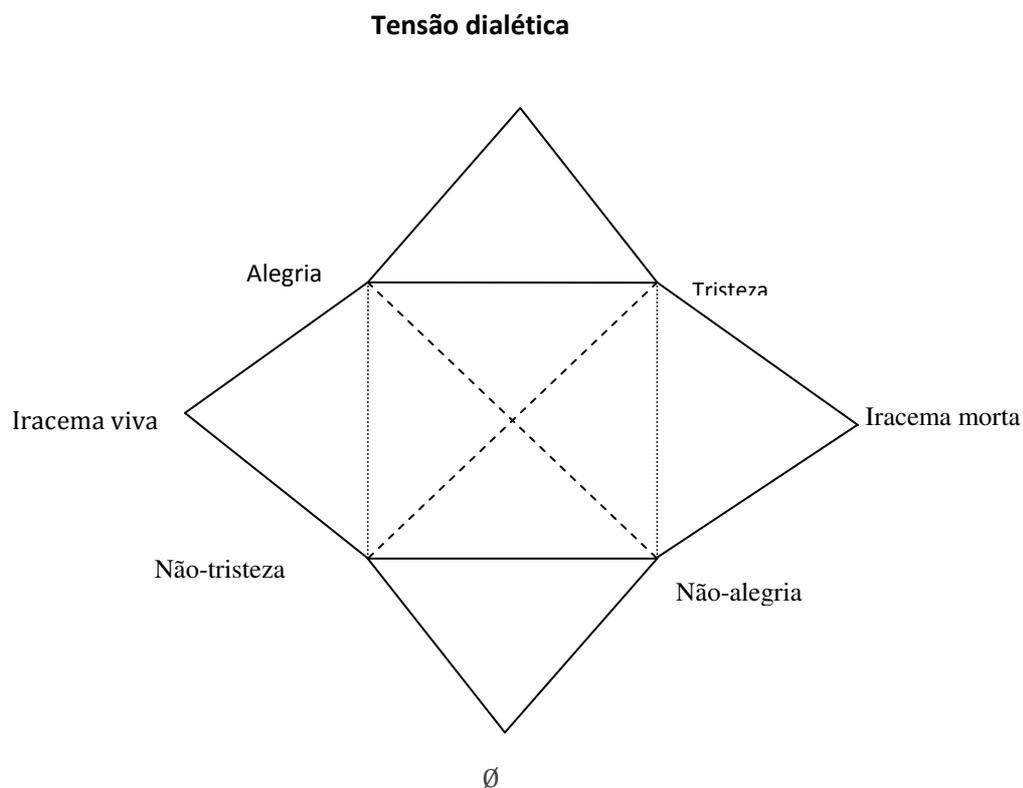
O S_4 conclui a narrativa disjunta do seu Objeto de valor:

$$(S_4 \cap O) \rightarrow (S_4 \cup O)$$

que se lê: S_4 em conjunção com seu Objeto de valor passa a S_4 em disjunção com seu Objeto.

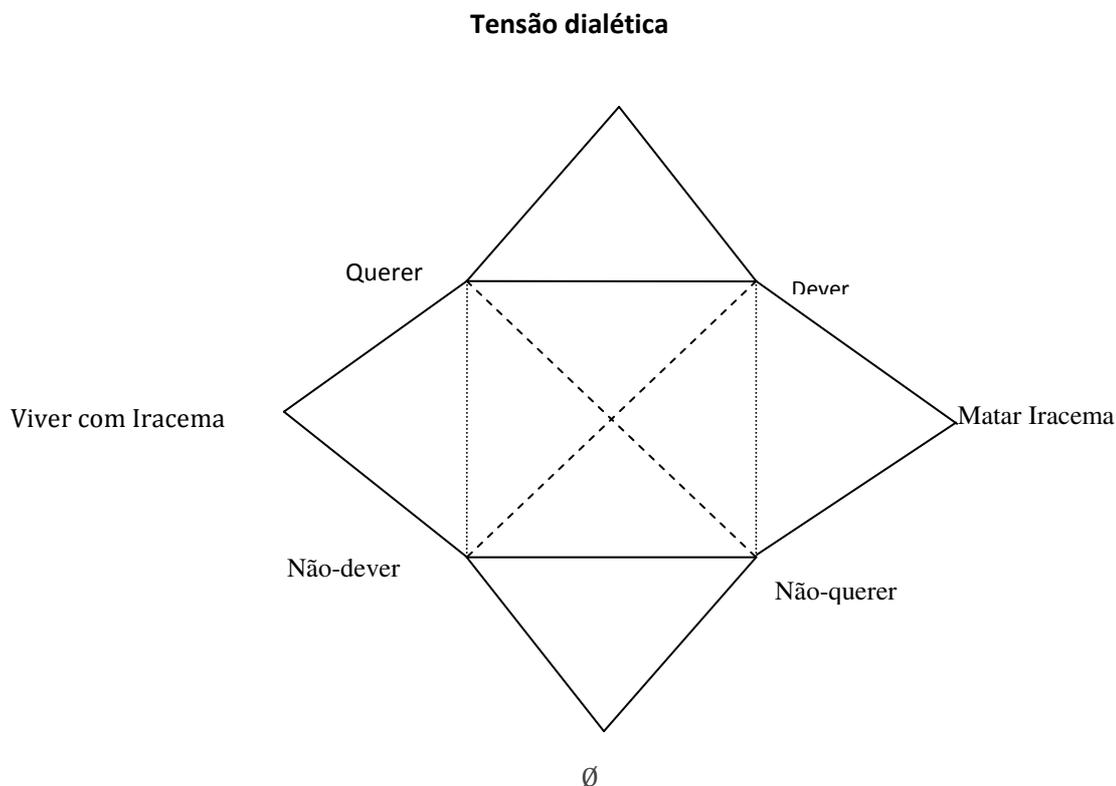
2.3. Nível fundamental

Dessas versões, foram extraídos dois conflitos: *alegria versus tristeza e querer versus dever*. O primeiro se estabelece no ator povo da Caixa d'água que inclusive aparece ao velório, em grande quantidade, para homenagear a falecida. Toda essa comunidade vivia feliz quando desfrutava da companhia solidária da bela Iracema, caracterizando assim um estado de alegria. Entretanto, com a morte de Iracema, a tristeza tomou conta do lugar e das pessoas, ainda porque Iracema teve uma dolorosa morte por envenenamento, causada pelo próprio noivo. Esta oposição, vista através do octógono, apresenta-se da forma a seguir:



As relações, entre *alegria* e *não-tristeza* caracterizam Iracema viva, desfrutando da companhia do povo da comunidade em que morava. Enquanto que *tristeza* e *não-alegria* representam Iracema morta sem poder conviver com as pessoas que tanto amava. *Não-tristeza* e *não-alegria* correspondem a inexistência semiótica que está representada pelo zero cortado.

O segundo conflito, *querer* versus *dever*, instaura-se no interior do noivo de Iracema que no início do namoro quer viver um amor durador com ela, objetivando um casamento. Para tanto, queria Iracema viva. Todavia, por força das circunstâncias, troca o amor pelo ódio, deixando de ser um ator do querer para ser um ator do dever matá-la para resgatar sua própria honra, evitando assim, que sua imagem fosse denegrada pela sociedade. A partir do octógono a seguir, podemos visualizar melhor esse conflito:



A tensão dialética da narrativa se centra entre *querer* e *dever*. As relações, entre *querer* e *não-dever* representam o noivo de Iracema querendo viver um grande amor. Enquanto que *dever* e *não-querer* definem o noivo com o dever, exclusivo, de tirar a vida de Iracema. *Não-dever* e *não-querer* correspondem a inexistência semiótica que está representada pelo zero cortado.

2.4. Nível discursivo

BA² e BA⁵ são romances conto, considerando-se a classificação de Pidal, com foco narrativo em terceira pessoa. Assim sendo, o enunciador é um narrador embreado com a enunciação, no tempo e no espaço, confundindo-se com o cantor do texto e debreado do enunciado. O tempo da enunciação aponta para um *aqui-agora* de quem fala, ou seja, o momento em que o canto foi realizado.

Com o intuito de persuadir o enunciatário, o enunciador utiliza-se de diversos recursos para realizar seu objetivo, a começar pela ordem de distribuição de papéis temáticos no texto e, simultaneamente, a criação de efeitos de realidade. A exemplo da data sete de setembro/dia de São Pedro, na qual o enunciador ancora-se, fazendo uso do recurso de persuasão de caráter histórico.

O procedimento de actorialização aponta para um só nome próprio, Iracema, e vários papéis temáticos: noivo, povo da Caixa d'Água, mãe, filha, morena, pobre, cabo de polícia e cabo reservista.

O tempo do enunciado está marcado mais diretamente pela data da morte de Iracema que, apesar de não ser determinado o ano, ocorre no dia sete de setembro em BA⁵,

coincidindo com a data da Independência do Brasil e na noite de São Pedro em BA². Pode-se presumir que essa marca temporal tenha sido adotada a partir de 1822. Por se tratar de um dia feriado, a morte de Iracema causou um grande impacto: *O povo da Caixa d'Água/ chorava pela morena/ Que morreu envenenada/ a pobre da Iracema*

As pessoas puderam participar do velório e pranteá-la. Além disso, foi uma morte por assassinato, cometida pelo próprio noivo, amante, namorado, isto é, por alguém afetivamente ligado a ela.

Na versão BA², o noivo de Iracema é um soldado, uma autoridade presente no cotidiano do povo, que deveria defendê-lo: *Quem matou Iracema/ foi um cabo de polícia*. No entanto, utilizou-se do prestígio para matar Iracema e o fez num dia dedicado a São Pedro, em BA², e à Pátria, em BA⁵, dias sagrados para o povo, cometendo, assim, um sacrilégio duplo: *Noite de São Pedro foi/ um dia determinado/ Mataram Iracema/ por causa de um namorado* (BA²); *A sete de setembro foi/ um dia feriado/ O noivo de Iracema/ matou ela envenenada* (BA⁵). Outra marca temporal ocorre através dos verbos conjugados no passado, ora no pretérito imperfeito, ora no pretérito perfeito: *O povo da Caixa d'Água/ chorava pela morena/ Que morreu envenenada/ a pobre da Iracema* (BA⁵). Tal alternância produz um efeito de aproximação e distanciamento do enunciado com relação ao enunciador. *Chorava* pressupõe um processo temporal continuado, inacabado: o povo não parou de chorar. Já com *morreu* pressupõe um fato acabado no passado.

O espaço do enunciado se dá em três instâncias: bairro Caixa d'Água, onde se concentra grande população humilde; o cemitério para onde se deslocou o povo da Caixa d'Água e onde foi aberta a cova para a realização do enterro. Há ainda o espaço caixão, que abriga, na parte externa, uma faixa contendo letrinhas de amor e na parte interna o corpo de Iracema e as flores que a enfeitavam. Como se pode ver, o texto centraliza a descrição do velório. O ator Iracema aparece figurativizado por filha, morena e pobre. Este último semema permite uma dupla interpretação. Pobre pode ser coitada, pessoa por quem o povo (parentes e amigos) sentiu piedade ou ainda pode ser pessoa sem recursos. Essa segunda interpretação é reiterada, tendo em vista Iracema morar no Morro da Caixa d'Água e ser morena.

Em BA², a causa do assassinato de Iracema foi a infidelidade amorosa: *Mataram Iracema/ por causa de um namorado* (BA²). Isso quer dizer que um cabo de polícia, ligado afetivamente a ela, a matou porque ela lhe foi infiel, o que lhe minora a culpa pelo assassinato e imputa a culpa em Iracema. Na verdade, será que ela não morreu por ser pobre, moradora do morro e ainda por cima, morena, pessoa sem nenhuma credibilidade? O namorado pode ter levado a população a crer na infidelidade, para livrar-se dela. Ele poderia ter abusado dela, sexualmente e, para livrar-se, atribuiu-lhe a infidelidade para poder matá-la. A mulher infiel pode ser morta pelo seu marido perante a lei dos homens e até de Deus. A mulher bíblica era apedrejada quando descoberta a sua infidelidade. O fato é que as duas versões não mencionam que o assassino foi castigado, nem por Deus, nem pelos homens. E as pessoas do velório, mesmo sabendo quem a matou e embora a pranteassem, não se preocuparam em prender o assassino, nem emitem julgamento de valor sobre ele, a não ser que ele matou porque ela tinha *um namorado*. Aliás, a expressão: *Mataram Iracema* revela a omissão do sujeito assassino. Este vai figurar já no final do texto quando os efeitos de impacto sentimental já têm diminuído. Mesmo assim, aparece identificado pela função que exerce e não pelo nome próprio. Vale salientar que essa atitude do povo da Caixa d'Água de não prender o assassino, nem tampouco revelar o seu nome, remete-nos a situação que hoje vigora na sociedade brasileira, a exemplo de grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro e outros, onde a lei do silêncio prevalece.

O sentimento de piedade, advindo do choro dos parentes e amigos de Iracema, inclui o adjetivo pobre atribuído a Iracema, as imagens de tristeza, avolumam-se postos em contrastes com a violência e o ódio causados por aquele de quem só se esperava o bem. Acrescentamos que a repetição do mote: *O povo da caixa d'Água/ chorava pela morena/ Que morreu envenenada/ a pobre da Iracema* (BA⁵) enfatiza o sentimento de desgraça e, conseqüentemente, um envolvimento do enunciatário com o discurso. Outro efeito de realidade ocorre quando a mãe de Iracema sofre uma dor no coração, sendo a razão dessa dor colocada nos versos seguintes: *De vê sua filha morta/ naquele triste caixão* (BA⁵). Isso, inicialmente, leva o enunciatário a pensar que a desgraça irá se estender até a sua mãe, quando na verdade não se trata de patologia cardíaca, mas apenas de um sentimento de pesar pela morte da filha.

O lexema *letrinhas* no diminutivo enfatiza o sentimento de lamúria e pena que envolve a solenidade do enterro e, principalmente, sobre a infeliz moça, vítima de tamanha violência. Com tal habilidade, o enunciador consegue manipular o enunciatário, levando-o a ter piedade de Iracema. *Letrinhas* é apresentado como o coletivo de letras. São muitas letras escritas por várias pessoas, certamente outros amantes de Iracema, ali colocadas para incriminá-la e inocentar o assassino. O enunciador, que é identificado em BA² como cabo reservista, provavelmente quis inocentar o colega em atitude de corporativismo. Pode ser ainda indicador da grande quantidade de amigos/amigas que ela possuía e que ficaram consternados/consternadas com sua morte.

Com base no que foi dito, percebe-se que o enunciador está embreado com a enunciação, fazendo-se representar pelo eu-aqui-agora.

Entre outras possibilidades, são apreendidos alguns temas que ocorrem com muita freqüência nessas versões: *sofrimento* que é figurativizado em dor no coração, chorava e triste; *morte* que é representado pelas figuras matou, envenenamento, pobre, caixão e traição de Iracema que motivou o acontecimento, em *ciúme* que é o sentimento que predomina no noivo e, por fim, o tema *vingança* que está figurativizado na atitude do noivo/namorado, causador da morte.

Numa visão mais ampla, conclui-se que, nessas versões aqui examinadas, o enunciador é do gênero masculino e, apesar dos recursos discursivos utilizados para mostrar imparcialidade, não consegue esconder a ideologia machista e conservadora que se oculta e que só uma análise mais acurada é capaz de identificar.

Apesar da evolução social, na longa e sucessiva passagem do tempo, essas versões camuflam valores que se conservam desde a Idade Média que se configuram como tabus e dogmas conservados desde épocas remotas que mantêm viva a ideologia do preconceito e da exclusão social, onde as mulheres, assim como os negros e os pobres, são as principais vítimas. A superação desses operadores ideológicos, que são os responsáveis pela violência e desigualdade social, certamente fará surgir uma sociedade mais igualitária e justa, onde o sentimento de humanidade prevaleça sobre as nossas decisões individuais e coletivas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. **O romanceiro tradicional no Nordeste do Brasil: uma abordagem semiótica**. Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Lingüística. USP, São Paulo: 1999.

_____. **Romanceiro Paraibano**. (inédito)

_____. A significação como função semiótica. *Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras*, João Pessoa: Idéia, v. V, nº1 2000.

BRAGA, Teófilo. *Romanceiro Geral Português*. vol. I. Lisboa: Veja, 1982.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens. Essais sémiotique*. Paris: Seuil, 1975.

_____. **Semiótica do discurso científico**. Tradução de Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Difel/SBPC, 1976.

_____. & J. Courtés. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix. 1979.

PAIS, Cidmar Teodoro. **Sociosemiótica, semiótica da cultura e processo histórico: liberdade, civilização e desenvolvimento**. In: Anais do V encontro nacional da ANAPOLL. Porto Alegre: 1991.

_____. **Texto, discurso e universo de discurso**. Revista Brasileira de Lingüística. Vol. VI. São Paulo: Plêiade, n.1, ano 8, 1995.

PIDAL, Ramón Menéndez. **Romancero Hispánico**. 1º tomo, Madrid: 1953.

ANEXO

IRACEMA (BA ²)	A SETE DE SETEMBRO (BA ⁵)
<p>Cantado por Raimundo Suassuna, 73anos, professor. <i>Catolé do Rocha –PB</i></p>	<p>Cantado por Anália de Farias Leite, 72 ano doméstica. Fazenda Salinas (Boqueirão)</p>
<p><i>Noite de São Pedro foi um dia determinado</i> Mataram Iracema por causa de um namorado Chora pai, chora mãe, chora todos que ali estão Em ver sua filha morta, deitada em um caixão As moças da caixa d'água choravam pela morena Mataram envenenada a pobre da Iracema Chora pai, chora mãe, chora todos que ali estão Em ver sua filha morta, deitada em um caixão Quem matou Iracema foi um cabo de polícia Quem tirou esta modinha reservista foi um cabo Chora pai, chora mãe, chora todos que ali estão Em ver sua filha morta, deitada em um caixão</p>	<p>A sete de setembro foi um dia feriado O noivo de Iracema matou ela envenenada O povo da caixa d'água chorava pela morena Que morreu envenenada a pobre da Iracema. A mãe de Iracema com uma dor no coração De ver sua filha morta naquele triste caixão O povo da caixa d'água chorava pela morena Que morreu envenenada a pobre da Iracema. O caixão de Iracema todo enfeitado de flor Com seu nome escrito em cima com letrinhas de amor O povo da caixa d'água chorava pela morena Que morreu envenenada a pobre da Iracema.</p>
<p><i>João Pessoa, 09 de fevereiro de 1984</i></p>	<p>Campina Grande, 01 de fevereiro de 1988</p>